

ADOLESCÊNCIA E AS TRANSIÇÕES DA ESCOLA PARA O TRABALHO: UM PROCESSO DE INCLUSÃO E EXCLUSÃO

Adolescence and transitions from school to work: a process of inclusion and exclusion

Marcos Antonio Batista da Silva ¹

Resumo

Este artigo tem por objetivo discutir a percepção do adolescente do ensino médio da escola pública sobre o processo de inserção no mercado de trabalho. Na sociedade contemporânea existe uma crise de valores e ao mesmo tempo uma transformação que repercute na forma do jovem ingressar no mundo do trabalho. O trabalho é considerado pelos clássicos da sociologia e por educadores como vital para o desenvolvimento da sociedade e do sujeito. Neste contexto perguntamos para os jovens o que significa ser jovem e qual o significado do trabalho, bem como as suas expectativas para ingressar neste mundo. Para coletar as informações utilizamos questionários e a técnica de grupo focal, além da nossa vivência com esta temática.

Palavras-Chave: Adolescência; Mundo do Trabalho; Socialização; Escola.

Abstract

This article aims to discuss the adolescents' perceptions of public high school on the process of entering the labor market. In contemporary society there is a crisis of values and at the same time a transformation that affects the way the young are entering the world of work. The work is considered by the classics of sociology and educators as vital to the development of society and the individual. In this context we asked young people what it means to be young and what the meaning of work, as well as their expectations in joining this world. To collect the information we used questionnaires and focus groups, as well as our experience with this topic.

Keywords: Adolescence; World of Work; Socialization; School.

1 Doutorado em Psicologia (Psicologia Social) pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, PUC/SP, Brasil. com período sanduíche no Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra, Portugal.

Adolescência

A noção de adolescência está difundida na sociedade brasileira, contando com maior institucionalidade (da qual o marco legal - Constituição, o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), e a existência de conselhos tutelares e de defesa em todos os níveis da federação são sua maior expressão), maior número de ações e atores comprometidos a sustentarem sua postulação. Para registro de tal noção, recolhemos a definição constante do Relatório da Situação da Adolescência Brasileira, elaborado e publicado pela UNICEF em 2002: logo no início do texto, toma-se como ponto de partida a noção de adolescência como uma “fase específica do desenvolvimento humano caracterizada por mudanças e transformações múltiplas e fundamentais para que o ser humano possa atingir a maturidade e se inserir na sociedade no papel de adulto”; acrescenta-se, logo em seguida, que é “muito mais que uma etapa de transição, contemplando uma população que apresenta especificidades, das quais decorrem uma riqueza e potencial únicos” (Abramo & Leon, 2005, p.29).

Não existe uma maneira única de ser adolescente. Cada um constrói, a sua maneira, um modo de ser, de agir, de confabular e de fazer sua história, dentro de uma circunstância dada. O sentido existencial do adolescente está em formação, o que o faz necessitar de coisas concretas e de sonhos. É próprio ao adolescente ansiar por oportunidades, formular projetos de vida, deixar-se fascinar pela liberdade, sonhar com experiências de realização no trabalho, nas amizades, na sociedade. Se, de um lado, o adolescente tem expectativas, de outro, as instituições, o mercado, a família e a sociedade também têm seus projetos.

A dificuldade do adolescente é integrar essas dimensões, uma vez que sua subjetividade se constrói e é construída no conjunto das relações sociais e de acordo com seu modo de assimilar e de responder às solicitações objetivas do cotidiano e da história. A desigualdade social e as contínuas transformações no mercado de trabalho repercutem na vida e na formação do adolescente. Essa realidade provoca o poder público, a sociedade e a família a discutirem a realidade do emprego, da capacitação profissional e da necessidade de políticas públicas voltadas à população juvenil.

Tal procedimento compreende não apenas a formulação e a implementação de políticas de inserção, como também de programas socioculturais, capacitação profissional e para a cidadania, e a oferta de oportunidades de experiências de vida. Neste cenário da chamada era dos extremos, era dos direitos, era da esperança, era da solidariedade e do esvaziamento do sentido do trabalho, a pedagogia social pode contribuir para ajudar o adolescente a encontrar o sentido da vida e a superar as práticas de opressão, dominação, exploração e consumismo.

Educação e trabalho

O Fundo das Nações Unidas para a Infância (UNICEF) e a Campanha Nacional pelo Direito à Educação lançaram Relatório “Todas as crianças na escola em 2015 – Iniciativa global pelas crianças fora da escola” (2012). O estudo faz uma análise do perfil das crianças e dos adolescentes fora da escola ou em risco de evasão no Brasil e aponta as principais barreiras que levam a essa situação. Também apresenta uma análise das principais políticas públicas de enfrentamento à evasão e ao abandono escolar e faz uma série de recomendações. Um dos principais fatores de risco para a permanência das crianças na escola é o fracasso escolar, representado pela repetência e abandono que provocam elevadas taxas de distorção idade-série.

Uma delas é a ampliação da oferta de ensino médio. Um dos maiores desafios para a universalização de toda a educação básica é a grande dificuldade de acesso de professores e alunos às escolas de áreas rurais, principalmente nas regiões Norte e Nordeste do Brasil. Além disso, muitos currículos estão desvinculados da realidade, das necessidades, dos valores e dos interesses dos estudantes residentes no campo. As taxas de distorção idade-série nas zonas rurais das regiões Norte e Nordeste do Brasil chegam a ser duas vezes maiores que as das regiões Sul e Sudeste do Brasil. Em razão desses problemas, a escolaridade da população rural é muito menor que a da população urbana.

O Relatório demonstrou que o trabalho infantil e o atendimento inadequado ou inexistente às crianças e aos adolescentes com deficiência são algumas das barreiras que impedem que todas as crianças e todos os adolescentes estejam na escola e tenham assegurado o seu direito de permanecer estudando, de progredir nos estudos e de concluir a educação básica na idade certa. O relatório também identificou o atraso escolar como um dos principais fatores de risco para a permanência na escola das crianças em situação de distorção idade-série decorrente de repetência e abandono.

A valorização do profissional de educação – que envolve remuneração adequada, plano de carreira e capacitação constante – é condição indispensável para a garantia da qualidade da educação. A escolaridade é de grande importância para os jovens ingressarem no mercado de trabalho, pois com a escolaridade esses jovens tem mais probabilidade de encontrar um emprego. Mas quando se fala em fracasso escolar muitas vezes a culpa recai sobre os alunos, embora exista falta de preparo de professores, precariedade das escolas, entre outros fatores (Sawaia, 2010; Silva et al., 2016).

Trabalho e oportunidade

O trabalho permite aos sujeitos expandir suas energias, desenvolver sua criatividade e

realizar suas potencialidades. A ação de trabalhar não é apenas extrair materiais da natureza, mas sim alterar seu estado natural, definir e melhorar sua utilidade. Este ato é carregado de aspectos sociais, em vista da manutenção material e imaterial pessoal e da comunidade, bem como da coesão social (Braverman, 1987). Segundo os clássicos da sociologia e da psicologia, cada descoberta na linha da tecnologia e da ciência produz também uma mudança na divisão social do trabalho.

Nossa sociedade é marcada pela contradição. Se o trabalho é fonte de exploração, por outro lado, é também fonte de emancipação. Por isso nos perguntamos se é possível ao adolescente extrair do processo de trabalho um sentido. E nele manifestar suas potencialidades e criatividade? A educação e a cultura tendem a ajudar o jovem adolescente a encontrar um sentido para o trabalho, que contribua para a construção de um sentido para sua vida.

Neste quadro de reflexão, cabe evidenciar a relação que se estabelece entre adolescente e trabalho, vital na experiência do primeiro emprego. É uma espécie de passaporte para a consolidação da autonomia, da formação da identidade, do reconhecimento como alguém pelo grupo e pela família, é poder escolher e adquirir coisas. Para o adolescente, o ingresso no mundo do trabalho constitui-se, tradicionalmente, em um dos principais marcos da passagem da condição juvenil para a vida adulta.

Mesmo aqueles que conseguem superar todas as dificuldades e terminar o ensino médio ou técnico, não têm garantia de empregos. As diferenças entre a teoria da escola nos cursos de forma geral e a prática no mercado de trabalho acabam deixando a escolaridade com um papel mais modesto do que o treinamento em serviço, ou estágio na preparação do jovem trabalhador.

O Brasil vive os últimos anos do bônus demográfico de juventude e tem atualmente pouco mais de 50 milhões de jovens, isto é, indivíduos entre 15 e 29 anos de idade que representam cerca de 1/4 da população do país. Segundo projeções do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), esse número deverá começar a declinar a partir de 2025, chegando a menos de 35 milhões de jovens no ano de 2050. O maior e mais urgente desafio que esse bônus juvenil coloca é a necessidade de se qualificar melhor os jovens brasileiros, pois serão eles que irão sustentar os próximos ciclos de desenvolvimento em um país que caminha para um processo acelerado de envelhecimento populacional. Isso numa sociedade marcada por uma histórica desigualdade no que se refere ao acesso a direitos sociais, situação que afeta, particularmente, a juventude. Logo, educação e trabalho são questões centrais e a ampliação e a melhoria na oferta de ambos constam entre as principais demandas dos jovens brasileiros nos últimos anos (Peregrino; Pinheiro & Souza, 2018, p.128).

O diagnóstico dominante aponta para as dificuldades de aproveitar oportunidades, especialmente em obter o primeiro emprego, em função do despreparo e da desqualificação

frente à competitividade. Essa realidade coloca em xeque a proposta pedagógica da política educacional e da forma de pensar e de agir das famílias.

O direito ao trabalho é tomado como trabalho da carência do jovem pobre dentro dos programas de aprendizagem profissional, numa perspectiva de salvação deste jovem, gerando para ele maiores contribuições presentes do que futuras em suas vidas, dentro de um horizonte de instauração de novas trajetórias de vida (Silva Junior & Mayorga, 2016).

O processo de educação escolar e familiar tem que se fundamentar numa prática dialógica e aprender, nesses espaços, a problematizar as formas de opressão e a descobrir o trabalho como fonte de realização. Talvez esse procedimento ajude o adolescente a fortalecer a criatividade e a não viver somente para o consumismo.

Partindo de um quadro de percepções

Com o objetivo de compreender a percepção do adolescente sobre a inserção no mundo do trabalho e qual é a contribuição da família e da escola nesse processo, realizamos uma pesquisa com cinquenta jovens adolescentes de ambos os sexos, com idade entre 17 e 20 anos, do terceiro ano do ensino médio de uma escola pública de município da grande São Paulo - Brasil. A pesquisa, de caráter qualitativo, procurou valorizar a fala do jovem. Utilizamos um questionário e este foi aplicado coletivamente em sala de aula, com todos os procedimentos éticos.

Dos cinquenta entrevistados, escolhemos nove para participar de um grupo focal de reflexão sobre temas relacionados à inserção no mundo do trabalho, à escola, à família e às das escolhas profissionais. A dinâmica do grupo focal permite uma forma rápida, fácil e prática de pôr-se em contato com a população que se deseja investigar, e, ao mesmo tempo, de aprofundar alguns temas nem sempre abordados num primeiro momento. Não obstante haver críticas a essa metodologia, ela foi importante para o diálogo do pesquisador com os adolescentes e destes entre si, no sentido de desvelar um pouco mais o fenômeno estudado.

Neste artigo, privilegiamos dois participantes do grupo, por entendermos que se envolveram com profundidade nos objetivos de nossa pesquisa e ajudaram a enriquecer nossas reflexões. JP e Júnior são nomes fictícios. JP nos ofereceu uma panorâmica dos temas abordados e nos permitiu inferir que a percepção pode ser um processo muito mais pessoal do que comumente se crê.

Percepção de um jovem sobre os espaços de convivência, família, escola e trabalho

Qualquer reflexão acerca dos espaços de convivência da juventude se defronta com o debate sobre as contradições inerentes às questões sociais. Estas se encontram circunscritas no bojo do modelo econômico e social adotado pelo Brasil, tal como explicitam (Souza Neto, 2008; Ianni, 1988, Fernandes, 1978; Castel, 1999).

No decorrer da pesquisa, especialmente no grupo focal, JP demonstrou seu afeto, respeito e reconhecimento da influência da família na construção dos valores essenciais para a escolha profissional: Meus pais sempre incentivaram meus estudos; de começo eles não queriam que eu trabalhasse, com medo de prejudicar meus estudos. Eles sempre me acompanharam em relação às coisas novas e me incentivam (JP).

Winnicott (2001) defende a família como espaço privilegiado para a formação dos valores essenciais à convivência. Nela, a criança e o adolescente introjetam a ideia de papéis e constroem o juízo moral, fundamentais à formação da identidade do sujeito. Winnicott (2001) nos oferece material para inferir que uma família suficientemente boa marca positivamente a existência e interfere nas formas de pensar, de ser e de agir.

Todas as vezes que JP se referiu à família o fez com admiração e gratidão. Isto talvez demonstre que para além das questões financeiras e familiares, há outras variáveis que, pela perspectiva winnicottiana, determinam o que é uma família suficientemente boa. Mesmo diante das transformações das responsabilidades familiares, a nosso juízo, a família permanece vital para a integração e a inserção do sujeito.

Na era dos direitos humanos, no quadro da doutrina de proteção integral, o que se observa é que a Constituição brasileira, as legislações sociais e as políticas públicas consagram o princípio da família como base do desenvolvimento do sujeito. Em que pesem os dramas da família brasileira, a situação econômica, as práticas de violência, a família continua a ser valorizada como um dos pilares de garantia da coesão social. Neste sentido, os clássicos da sociologia e da psicologia nos permitem afirmar que a família sempre influenciou e continua a influenciar as escolhas e decisões do sujeito, seja positiva, seja negativamente. Ao longo da história, verificamos as nuances dessa influência.

Na sociedade da era da informação, outras instituições partilham com a família esse papel. JP diz que sua família tem contribuído para o seu futuro profissional e que seus pais sempre incentivaram seus estudos, mas não concordam que ele inicie a fase do trabalho antes de terminar o ensino médio. Nem todas as famílias podem adotar esse procedimento, mas a família de JP interfere diretamente em sua formação para que ele possa fazer uma boa escolha.

Contudo, as mutações no mundo do trabalho fazem com que haja necessidade de um

olhar aprofundado para o percurso dos jovens na busca do primeiro emprego, porque a sociedade é fundada e organizada a partir do trabalho. Isso não significa uma defesa da inserção precoce dos jovens no mundo do trabalho. Ao contrário, o que defendemos é a mudança nos quadros da desigualdade social, política, de oportunidades e de condição existencial de nossa sociedade, o que implica em alterações de ações e valores sócio-históricos sedimentados (Corrochano, 2008).

Segundo nossa perspectiva, o trabalho não se reduz a um método pedagógico, mas um meio para o desenvolvimento da educação profissional (Vygotsky, 2003). Não só se introduz o trabalho na escola, mas também a escola no trabalho, sendo a atividade laboral a base do processo educativo. Hoje, é muito tênue a separação entre escola e trabalho, pois ambos mantêm uma reciprocidade. Similarmente, o fim primeiro da família não é preparar o jovem para o trabalho, mas os procedimentos familiares têm uma sintonia com o mundo do trabalho.

Compartilhamos com o pensamento de (Rossler, 2007) de que o ensino profissionalizante poderia ser uma solução para o problema de educação para o trabalho e destacamos a importância de refletir sobre as relações entre as esferas do mundo do trabalho e da educação. O depoimento e o posicionamento de JP reúnem um conjunto de evidências sobre a importância da família na sua formação. A partir dela, o adolescente adquiriu os conceitos que formam os alicerces de seu caráter e que orientarão sua vida. Por este olhar, podemos, ainda, perceber que os conceitos de educação e de aprendizagem ao longo da vida se iniciam na família.

A família tem papel fundamental nesse processo, por meio das práticas que valorizam e corrigem, recompensas, castigos, afeto, emulações, imitações, em vista de aprender a lidar com frustrações. É bom ressaltar que a pessoa incapaz de lidar com frustrações e emoções tem muita dificuldade para marcar posições no mundo do trabalho. Entretanto, nenhuma instituição, nem mesmo a família, tem poder absoluto sobre o adolescente e o jovem, que conserva sua autodeterminação de fazer opções e traçar caminhos. O que defendemos é a influência da família e não um determinismo ou reducionismo.

Devemos considerar, portanto, as experiências positivas e negativas vividas no interior da família. É importante destacar que a família não é uma instituição isolada. Está vinculada aos dramas da sociedade. É um produto social e cultural. Quando boa o suficiente, a família é um espaço de proteção e de resistência contra as mazelas e perversidades da sociedade. A família protege quando cria as condições para que a criança e o adolescente tenham estabilidade emocional e segurança, dentro de um desenvolvimento integral e saudável, pela perspectiva de Freire (1983). Portanto, a família interfere no desenvolvimento individual e, conseqüentemente, influencia o comportamento da criança e do jovem na escola, bem como os resultados que ele irá atingir.

Em síntese, sem pretender assumir a defesa da família, nem apresentá-la como um bem, um mal ou uma panacéia para todos os desafios da juventude, entendemos a fala de JP como um dos veios de compreensão da instituição familiar. Se, para os clássicos da sociologia e da psicologia a família era responsável pela socialização primária e a escola pela secundária, hoje essa distinção já não é tão clara, sobretudo na escola que acabou por assumir ambos os papéis. Para abordar a questão do trabalho dos adolescentes, acreditamos que é essencial ouvir o que ele mesmo diz sobre a relação entre profissionalização e escola.

JP tem a seguinte percepção: A escola hoje, infelizmente, não é mais a que a sociedade espera, ou seja, vamos à escola em busca de conhecimento e lá “você encontra” tudo, violência, drogas, más influências e etc. A escola estadual, em vez de ter pessoas mais estudadas, é considerada como um depósito de humanos. Os pais saem para trabalhar e deixam os filhos na escola. JP faz alusão à escola como um conjunto de contradições, um depósito humano, o que mostra uma percepção de aspectos predominantemente negativos. O que parece é que a escola reproduz todas as mazelas sociais. Essa percepção está mais próxima de Bourdieu (1975). Mas é importante olhar a escola como uma instituição que reproduz as mazelas sociais, mas também transforma essas mazelas e cria condições de mudança para o sujeito, como a veem Freire (1983) ou Gramsci (1978).

JP deixa nas entrelinhas que a escola que frequenta está um tanto perdida e não conseguiu absorver todas as suas novas atribuições. Seu papel não é mais somente ensinar. A escola ganhou função social, que transita entre o ensinar, o cuidar e o proteger. Isto “[...] porque compartilha com as famílias à educação das crianças e jovens, uma função política, pois contribui para a formação dos cidadãos, e uma função pedagógica” (Rego, 2002, p.48). Neste sentido, ela ultrapassa o papel educativo, pois é “[...] também um local protetor para o equilíbrio psicológico do adolescente” (Clerget, 2004, p.218).

O conjunto de solicitações que se aloja no interior da escola e cobra dela soluções de todos os tipos se apresenta para JP como descontrole e falta de rumo. Quando lhe foi perguntado o que esperava da escola, ele nos respondeu, por ordem de importância: conhecimento; crescimento; socialização; educação, e, por fim, uma preparação para o mundo do trabalho. Acrescentou que a escola não contribui para capacitação profissional do aluno, mas para conhecimentos básicos.

O relato de JP, traz à tona o desconhecimento das prioridades da escola e do conjunto de uma trajetória profissional. O básico, o genérico, é peculiar às instituições família e escola. Sem esses “conhecimentos básicos”, não há como alguém se qualificar profissionalmente. Sem conhecer as operações e as noções elementares da matemática e da física, sem o domínio da língua, o saber fazer fica seriamente comprometido.

A escola contribui para formar integralmente o sujeito. Seu grande desafio está no

campo da profissionalização, um ramo em que as empresas parecem ter mais competência e tecnologia disponível. Neste caso, porém, continua indispensável à parceria entre a escola e a empresa. Algumas experiências de parceria entre escola e empresa, no Brasil, demonstram que esse deve ser o novo projeto a ser perseguido pelas políticas públicas de educação. Há um consenso de que, na sociedade do conhecimento e da informação, a escolarização tem valor inquestionável, “já que é capaz de proporcionar ao indivíduo experiências e informações de sua cultura” (Rego, 2002, p. 48).

Entretanto, os jovens acreditam que a escola precisa abrir um espaço para que possam discutir projetos de vida que incluem o trabalho. Em síntese, a escola precisa concretizar os quatro pilares da educação levantados pela UNESCO (Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura): saber aprender, saber ser, saber conviver e saber fazer, uma vez que a educação ocorre de forma permanente, ao longo da vida. Por essa perspectiva, temas sobre as inquietações dos jovens, seus temores e expectativas, devem integrar o currículo.

JP tem o hábito da leitura e gostaria de poder fazer cursos de capacitação profissional, artes e idiomas. Porém, não realiza nenhum e tampouco pratica esportes. Participa de comunidades virtuais, religiosa e cultural. Utiliza o tempo livre descansando e, na maioria das vezes, com jogos de computador e videogames. Já participou de uma ONG que auxilia adolescentes a ingressarem no mercado de trabalho. Nela, prendeu elementos de legislação trabalhista. Com base nessa experiência, comenta que “acha importante que todas as pessoas tenham informações sobre o assunto para se prevenirem de eventuais restrições” (JP). Ele nunca exerceu atividade remunerada e está em busca de seu primeiro emprego. Pensou em ter uma profissão na área de recursos humanos para trabalhar no departamento de pessoal. Sobre suas expectativas no mundo do trabalho, responde: “realização, poder, dinheiro, posição social e fama”. Esses são elementos peculiares e essenciais ao consumismo.

JP deseja trabalhar para sua autorealização, para ser independente e crescer, e para satisfazer suas necessidades materiais e imateriais. Ele comenta que o trabalho, num país capitalista como o Brasil, é muito importante e que precisamos de capital para sobreviver e ter lazer. Observa que o trabalho é parte da nossa vida e por isso é necessária adaptação às mudanças do mundo do trabalho. O trabalho para JP tem o valor forte, o influencia, o faz aprender, a conhecer pessoas, dá prazer e desenvolvimento como cidadão, espera sucesso e reconhecimento, porém acredita que dificuldade da inserção do jovem no mundo do trabalho é causada pela falta de experiência profissional.

Contudo JP acredita que o trabalho é parte da nossa vida e por isso temos que se adaptar para esse novo mundo. Neste sentido no que se aplica ao processo de escolha profissional onde foi observada em diferentes dimensões (motivação para os estudos, motivação para o sucesso escolar, socialização), a pesquisa nos revelou que estas geralmente são ações com

combinações de afetos, que propiciam melhorar o desenvolvimento e as escolhas dos jovens.

Entretanto não existam dados conclusivos, no que se refere às razões pelas quais a pessoa escolhe uma ou outra profissão. Situação esta que pode ser entendida sob a ótica sociológica, a partir da qual as escolhas são apresentadas através da herança ocupacional que se manifesta através das profissões de pais para filhos, ou no acesso que abre para determinada novas profissões, situação sócio – econômica e mercado de trabalho dos pais. No entanto a ótica psicológica, analisa as relações existentes entre os traços de personalidade, orientação vocacional, que supõe considerar a visão sócio–histórica onde o ser humano aqui é histórico e social e parti do fundamento de que existe uma intervenção viva entre o sujeito e o objeto, uma relação entre o mundo real e o sujeito, uma vinculação indissociável entre o mundo objetivo e a subjetividade, no qual acreditamos.

O participante JP finaliza dizendo: “O que me torna motivado na vida é Deus. A bíblia é um manual de vida, minha vida é motivada e levada pelo Senhor, eixo da força para todos os dias lutar pelos meus objetivos” (JP). Isto implica que outras esferas sociais e sujeitos estão mobilizados no universo da juventude, principalmente na fase da adolescência onde ocorre o processo de emancipação familiar, entre eles estão os grupos religiosos, as comunidades virtuais e o grupo de amigos.

Diante do relato do jovem participante podemos refletir sobre a ação das políticas públicas existentes para a juventude que deveriam proporcionar a juventude oportunidades para ter acesso a educação, qualificação profissional e cidadania.

Objetivando oportunidades para utilizar capacidades, tendo acesso ao mundo do trabalho, ao crédito, a renda, ao esporte, ao lazer, a cultura e a terra. Proporcionarem a garantia dos direitos, com ofertas de serviços que garantam a satisfação das necessidades básicas dos jovens e as condições necessárias para aproveitar as oportunidades disponíveis. Mas estas efetivamente estão atingindo os objetivos propostos? Articular as temáticas juventude e participação não é tarefa simples e torna-se um importante desafio, especialmente no contexto atual do Brasil.

No entanto ainda há dificuldades na visualização das necessidades e direitos específicos dos jovens que garantam atualmente uma igualdade de direitos a todos. Apontar para uma inserção social e produtiva para a juventude se faz necessário. O desafio passa a ser o de combinar programas que proporcionem políticas de transferências de renda, elevação quantitativa e qualitativa de escolaridade, assistência a famílias de jovens em situação de vulnerabilidade social, formação tecnológica, serviços comunitários, esporte e lazer, além de uma nova abordagem da articulação entre o mundo do trabalho e a educação para jovens.

Percepção de Júnior: o que é ser jovem

Ser jovem é ter sonhos e lutar para alcançá-los, ter determinação, vencer obstáculos. Ser jovem é ter opinião, atitude, participar dos movimentos, ir a baladas, navegar na internet, ficar, namorar, estudar, se divertir, trabalhar para comprar o que queremos sem ter que ficar pedindo dinheiro aos nossos pais e ter um futuro. Ser jovem é também perceber as coisas que estão erradas, como corrupção, discriminação, falta de emprego para nós jovens e lugar para tirar um lazer. Ser jovem é viver intensamente, experimentar coisas novas, ter coisas novas. Ser jovem é saber viver a vida sim, seja com responsabilidade ou não, sempre com muita criatividade e vontade de mudar aquilo que não está bom. E o nosso país precisa disso, precisa de jovens interessados a mudar. Jovens precisam fazer a diferença com a esperança de que nosso país tem chance de ainda continuar mudando pra valer (Júnior).

Na percepção de Júnior do que é ser jovem, observamos em seu relato que ele tem sonhos e objetivos a alcançar, mesmo que para isto deva vencer obstáculos, entretanto é preciso determinação. Muitos outros jovens não têm a determinação de Júnior seja por meios ou outros contextos sociais e ou emocionais. O abandono de sonhos e ideais de jovens em algumas situações tem sua origem no próprio processo de escolarização. Neste sentido como conciliar a inserção social do jovem, de pertencer, a uma sociedade globalizada e em rede onde é necessário capacitação para o mercado de trabalho e preparo básico para a vida?

Por sua vez famílias apresentam dificuldades para reverter este quadro devido a condição social, que marcam o seu cotidiano, forçando de certa maneira o ingresso precoce do adolescente no mercado de trabalho, independente que sejam empregos tidos como formais, e dependendo da condição do jovem, se inserem em trabalhos não formais a exemplo de flanelinhas, guardador de carros, limpadores de vidros em sinais de trânsito entre outros.

Além da necessidade de aumentar a renda, o trabalho dos jovens é valorizado pelas famílias pelo seu potencial socializador, uma vez que, em tese, mantém os jovens ocupados e, portanto, longe dos desvios da vivência na rua, como as drogas e a criminalidade. De acordo com (Calimam, 2006), diante de certos comportamentos e estilos de vida não convencionais muitas pessoas atribuem qualificações e rótulo a indivíduos com diferentes abordagens relacionadas ao desvio social e a delinquência juvenil.

No esboço de um relato sobre o que é ser jovem, é importante contextualizarmos que a sociedade atual está fortemente apoiada em seu desenvolvimento a fatos relativos em âmbitos sócio econômicos, emocionais e culturais, que convergem de diversas maneiras do jovem perceber e intervir no mundo. Na sociedade contemporânea com o processo de globalização, das novas tecnologias de informação e dinâmicas de trabalho, vivemos momentos que promovem uma multiculturalidade que em certos momentos rompem com algumas referenciais tidas tradicionais. Há substituições de cenários- meios de comunicação, família escola, trabalho, espaços privados, individualização.

Peregrino; Pinheiro & Souza, ao discutir sobre Conferências Nacionais de Juventude no Brasil para conhecer as demandas e percepções sobre direitos de jovens militantes, em particular sobre os direitos relativos à educação e trabalho, assinalam que

...o processo de escuta da juventude organizada é uma importante contribuição ao debate, sobretudo por ampliar temáticas e visibilizar os novos sujeitos de direitos surgidos no ciclo recente de políticas públicas de juventude no país, que parece se encerrar em 2016 com a ruptura ocorrida no Governo Federal e a consequente extinção de inúmeros programas e políticas que vinham garantindo, ainda que timidamente, a expansão dos direitos dos jovens brasileiros (Peregrino; Pinheiro & Souza, 2018, p.128).

Neste contexto, como o jovem pode construir a sua identidade? Diante do relato de Júnior estabelece-se de modo mais efetivo a divisão entre o mundo das vivências internas e o mundo da realidade objetiva. O desenvolvimento da consciência para um estado de autoconsciência permite que as vivências internas e o mundo da realidade objetiva sejam crescentemente mais discriminados. Dessa forma, a juventude é o momento em que se pode falar de uma personalidade, ao mesmo tempo em que se pode falar de uma visão de mundo, embora ainda em processo de desenvolvimento.

Acreditamos que é a partir da juventude que o indivíduo pode compreender a sua própria inserção na sociedade, ganhando em plasticidade, ao operar por conceitos, e ao possibilitar o uso da vontade no encaminhamento de sua vida objetivando transformações que passam a implicar em uma nova consciência de si mesmo e uma visão de mundo, capacitando-o a fazer escolhas e a tomar decisões sobre suas aspirações e seu projeto de vida. Porém, de certa forma, o jovem contemporâneo vive um paradoxo: por um lado, há uma padronização excessiva de gostos e de atitudes e, por outro lado, a condição de jovem que o define como alguém que possui uma grande inquietude, buscando um sentido para a sua vida.

Mas nem sempre os contextos nos quais esse jovem se insere contribuem para o desenvolvimento do pensamento dialético, questionador, transformador. Portanto seja no âmbito familiar, escolar ou no trabalho acreditamos que estas possibilidades se não estiverem acopladas a uma rede de sustentação mais ampla, a exemplos de políticas públicas para a juventude, onde estes espaços possam garantir o desenvolvimento de um sentido para a juventude, sem os quais, o jovem terá dificuldades em exercitar o seu papel de ator social.

Os jovens estão em todos os lugares e a todo tempo, eles querem ser notados, capacitados, educados e inseridos nos espaços que lhes cabe, mas para isto necessitam de serem preparados para fazerem escolhas positivas, que sejam capacitados em termos éticos, cuidando de si e do outro, se escolarizando e que estejam aptos a uma inserção no mercado de trabalho, visando crescimento e desenvolvimento sociais. Falar sobre a temática da juventude e trabalho “[...] exige do pesquisador alguns recortes, a fim de objetivar uma definição mais precisa sobre o

adolescente pesquisado, tendo em vista a diversidade sociocultural que o envolve.” (Silva & Munhoz, 2010, p.235).

Contudo é importante evidenciar que há diferentes visões conceituais relacionadas à definição de adolescência, visto que é possível ser encontrada na literatura correntes psicológicas de defendem a perspectiva desenvolvimentista da qual decorre a concepção de adolescência como uma etapa do desenvolvimento humano, entendendo a adolescência como uma fase da vida que possui características biológicas e emocionais específicas, com a ideia de evolução até a maturidade regida pelo desenvolvimento biológico. Como também aqueles que adotam a perspectiva por nós defendida que trabalhamos com a perspectiva a partir de referências históricas e sociais.

(Peralva, 1997; Dayrell, 2003; Charlot, 2000). Para efeitos desta análise da percepção de Júnior do que é ser jovem acreditamos ser importante: Em primeiro lugar, considerar que os jovens apesar de estarem inseridos em uma sociedade onde eles têm vivido uma crise no mercado de trabalho como desemprego e falta de capacitação adequada, valorizam o trabalho, seja para realização pessoal, como fonte de renda, como meio de liberdade, com contribuição social. Entretanto para tal é necessário que o jovem tenha um trabalho e que segundo eles é difícil a inserção devido à falta de experiência e capacitação adequada frente às novas dinâmicas do trabalho no mundo globalizado, e em constante transformação devido ao impacto que causam as novas tecnologias e flexibilidade e individualização do trabalho.

Em segundo lugar, inserir o jovem no mundo do trabalho supõe políticas públicas de inserção laboral, onde sejam priorizadas jornadas de trabalho compatíveis com os estudos, programas de capacitações. Pensar nesta questão é entender que estas ações não são apenas privilégios para os jovens, mas sim, ações que geram consequências em toda comunidade entre eles a escola, beneficiando a família, melhorando a qualidade de vida nas cidades, diminuindo a violência e construindo projetos de vida. O que o jovem percebe sobre si mesmo e como percebe o trabalho, são dados importantes para a compreensão de novos desafios decorrentes da globalização, das novas tecnologias e educação e dos níveis de qualificação para o ingresso no mundo do trabalho.

Por fim, perceber que os indicadores que evidenciam o relato de Júnior pressupõem percepções que o jovem não é um ser isolado sendo formado pelo processo em curso tendo vivências e experiências passadas e um futuro potencial. Para (O’Gormam, 1981, p.28) “[...] a pessoa humana é um ser social e histórico imerso numa rede de relacionamentos” entendemos então que a percepção da realidade não é estática mas acompanha sim todo um projeto de vida. Contudo a percepção do mundo é diferente para cada pessoa, cada pessoa percebe um objeto ou uma situação de acordo com os aspectos que têm especial importância para si própria. “O que o indivíduo percebe e como percebe são importantes para a compreensão do comportamento humano” (Bock et al., 1999, p.51), aguçando assim sinais

interiores e exteriores, provocando reflexões críticas e gerando nas pessoas a necessidade de reavaliarem suas próprias crenças como mecanismo de preservação da qualidade de vida e da sua identidade humana. O que pressupõe que as pessoas pensam, sentem, atuam e têm reações por desejos e aspirações suscitando assim valoração, desencadeando uma percepção e valoração no contexto do seu próprio processo histórico social dimensionado ações reflexivas.

Considerações finais

Entendemos que o trabalho com jovens se pauta na construção de vínculo que viabiliza a percepção das contradições pessoais e grupais objetivando novos caminhos. E tempos atuais, no momento em que a sociedade exhibe um cenário de crises de valores e ao mesmo tempo de transformações tecnológicas e sociais que repercutem na forma e na diversidade de modos do adolescente participar socialmente e buscar uma inserção no mundo do trabalho se faz necessário refletirmos também que jovem e que sociedade queremos formar.

[...] a complexidade das trajetórias dos jovens brasileiros aponta para a extrapolação das categorias de etapas e de duração das transições da escola para o trabalho definidas para este estudo comparativo internacional. O fato de que mais de um quarto dos jovens considerados com transição completa ainda estejam estudando, a alta frequência de ingresso dos jovens no mundo do trabalho muito antes determinarem os estudos, as constantes idas e vindas entre o sistema educacional e o mundo do trabalho, entre outros resultados, apontam para a importância de se repensar o pressuposto de uma trajetória linear entre formação escolar e obtenção de trabalho decente. Esta pode ser uma contribuição relevante dos que se debruçam em uma leitura mais aprofundada dos dados aqui expostos, não apenas para maior compreensão da condição juvenil no Brasil, mas também para a reflexão sobre a realidade dos jovens em outros países (Venturi & Torini, 2014, p.66).

A contribuição da família e do processo de escolarização como influência no desenvolvimento do adolescente, fortalecendo sua autoestima propiciando-lhe suporte para o seu crescimento pessoal e social poderá ser um dos caminhos para a cidadania propiciando uma relação mais humanitária entre o homem e o trabalho.

São os jovens pertencentes a famílias com rendimentos mais elevados que têm mais oportunidade de obter um emprego, e de melhor qualidade, o que aponta que as desigualdades “se expressam principalmente nas suas chances de encontrar trabalho e no tipo de trabalho encontrado” (Abramo, 2013, p. 41). Entendemos que influência familiar é decisiva no tocante à formação de valores primordiais à vida do adolescente.

Referências

- Abramo, H. W. , Léon, D. O. (2005). Juventude e adolescência: referências conceituais. São Paulo: Ação Educativa.
- _____.(2005) Algumas reflexões e muitas indagações sobre as relações entre juventude escola no Brasil. In: Abramo ; Branco , P.P.M.(Org.). Retratos da juventude brasileira: análises de uma pesquisa nacional. São Paulo: Instituto Cidadania; Fundação Perseu Abramo. p. 87-128.
- Abramo, L. (2013). Trabalho decente e juventude no Brasil: a Construção de uma agenda. Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA). Boletim Mercado de Trabalho, n. 55, ago.
- Bock, A.M. B; Furtado, O., Teixeira, M.L.T.(1999).Psicologias: Uma introdução ao estudo de Psicologia. São Paulo: Saraiva.
- Bourdieu, Pierre. (1975). A Reprodução. Rio de Janeiro: Francisco Alves.
- BRASIL.(1995). Estatuto da criança e do adolescente. 5ª ed. São Paulo: Saraiva.
- _____. Constituição (1990). Constituição da República Federativa do Brasil. São Paulo: Saraiva.
- Braverman, Harry. (1987). Trabalho e capital monopolista. Rio de Janeiro: LTC.
- Caliman, Geraldo. (2006). Desvio Social e Delinquência Juvenil. Brasília: Universia.
- Castel, Robert. (1999). As metamorfoses da questão social: uma crônica do salário. Petrópolis: Ed. Vozes, 1999
- Charlot, B.(2000). Da relação com o saber: elementos para uma teoria. Porto Alegre: Artmed
- Clerget, S (2004) .Adolescência: a crise necessária. Rio de Janeiro: Rocco.
- Corrachano, M. C. (2008) et al. Jovens e trabalho no Brasil: desigualdades e desafios para as políticas públicas. São Paulo: Ação Educativa, Instituto ibi.
- Corrachano, M.C; Nakano, M (2009). Jovens e Trabalho: In SPOSITO, M.P. (Org.) Estado da Arte sobre juventude na pós-graduação brasileira: educação, ciências sociais, serviço social (1996-2006), vol.2. Belo Horizonte: Argvmentvm.
- Dayrel, Juarez, (2003) O jovem como sujeito social. Revista Brasileira de Educação, nº. 24, p.40-51, set/out/nov/dez.
- Fernandes, Florestan. (1978). A integração do negro na sociedade de classes. São Paulo: Ática, v. 1.
- Freire, P. (1983) Pedagogia do oprimido. Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- Gramsci, Antonio. (1978). Concepção dialética da história. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira.
- Ianni, Otávio. (1988) .Escravidão e capitalismo, In: Escravidão e racismo. São Paulo: Ed. Hucitec.

- Peralva, A.(1997). O jovem como modelo cultural. Revista Brasileira de Educação. São Paulo, ANPEd,nº5/6.
- Peregrino, Mônica, Pinheiro, Diógenes, & Souza, Luiz Carlos de. (2018). Engajamento, educação e trabalho: demandas da juventude no Brasil. Revista de Ciências Sociais, 31(42), 127-150.
- Rego, T. C. (2002). Configurações Sociais e Singularidades: O impacto da escola na constituição dos sujeitos. In: OLIVEIRA M. Kohl et.al.- Psicologia, Educação e as Temáticas da Vida Contemporânea, São Paulo: Moderna. p.47-76
- Roosler, J. H. (2007). Trabalho, Educação e Psicologia na Sociedade Contemporânea: A Formação do indivíduo no contexto da atual reestruturação produtiva. In: MEIRA, M.E. M, A e FACCI. M.G.D. (Org). Psicologia histórico-cultural, contribuições para o encontro entre a subjetividade e a educação. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Sawaya, Sandra Maria. (2000). Alfabetização e fracasso escolar: problematizando alguns pressupostos da concepção construtivista. Educação e Pesquisa, 26(1), 67-81.
- Silva Junior, Paulo Roberto da, & Mayorga, Claudia. (2016). Experiências de jovens pobres participantes de programas de aprendizagem profissional. Psicologia & Sociedade, 28(2), 298-308. Epub March 15,
- Silva, Patricia Borges Coutinho da, Rezende, Nayane Caldeira, Quaresma, Teresa Cristina Correia, & Chrispino, Alvaro. (2016). Sobre o sucesso e o fracasso no Ensino Médio em 15 anos (1999 e 2014). Ensaio: Avaliação e Políticas Públicas em Educação, 24(91), 445-476.
- Souza Neto, J.C.; LIBERAL M.M. C (2004). Metamorfose do trabalho da era da globalização. São Paulo: Expressão & Arte.
- _____. (2008). Infância: violência, instituições e políticas públicas. São Paulo: Expressão & Arte.
- Unicef (2011). O direito de ser adolescente: Oportunidade para reduzir vulnerabilidades e superar desigualdades .Fundo das Nações Unidas para a Infância. Brasília, DF.
- _____ (2011). Situação mundial da infância 2011. Fundo das Nações Unidas para a Infância. Brasília, DF.
- _____ (2012). Acesso, permanência, aprendizagem e conclusão da Educação Básica na idade certa – Direito de todas e de cada uma das crianças e dos adolescentes./Fundo das Nações Unidas para a Infância. – Brasília, DF.
- Venturi, Gustavo e Torini, Danilo (2014). Transições do mercado de trabalho de mulheres e homens jovens no Brasil. Organização Internacional do Trabalho. Genebra: OIT.
- Vygotsky, L.S (2003). Psicologia pedagógica. Porto Alegre: Artmed,
- Winnicott, D.W. (2001). A família e o desenvolvimento individual. São Paulo: Martins Fontes.